ISSN 1983-9979
prolíngua

PORTUGUÊS TERENA: ANÁLISE DE INTERFERÊNCIAS FONOLÓGICAS DA LÍNGUA MATERNA NO PORTUGUÊS

TERENA PORTUGUESE: AN ANALYSIS OF PHONOLOGICAL INTERFERENCE FROM THE NATIVE LANGUAGE*

PURÚTUYENA TÊRENOE: KÓYEKU EMO'U TÊRENOE VO'OKU ÛRUKEOVO EMO'U PURÚTUYE HIYEUKE.

Rogério Vicente Ferreira[1]
Caroline Pereira de Oliveira[2]

RESUMO: O presente artigo discute o cenário sociolinguístico brasileiro marcado pelo contato entre línguas indígenas e a língua portuguesa, com foco na comunidade Terena da Reserva de Bananal, no Mato Grosso do Sul. O objetivo central é analisar as interferências fonológicas da língua Terena no português falado pelos membros dessa comunidade, compreendendo-o como uma variedade de contato consolidada. A fundamentação teórica baseia-se na Sociolinguística Variacionista de Labov (2008) e nas teorias de diglossia e bilinguismo de Ferguson (1959) e Fishman (1980), além do conceito de "Português Indígena" proposto por Oliveira (2007a). Metodologicamente, a pesquisa adotou uma abordagem qualitativa e etnográfica, utilizando entrevistas semiestruturadas com falantes de três faixas etárias distintas e observação participante para a coleta de dados. Os resultados revelam a ocorrência sistemática de metaplasmos, categorizados como subtração (apócope e síncope), adição, transposição e transformação. Observou-se que a estrutura silábica da língua Terena (L1), caracterizada pela predominância de sílabas abertas, atua como um filtro fonológico sobre o português (L2), motivando a simplificação de encontros consonantais e a supressão de fonemas finais. Fenômenos como a pré-nasalização e a transposição de acento tônico confirmam que o Português Terena é uma variedade linguística legítima e estruturada, que reflete a identidade e a resistência cultural da comunidade em um contexto de bilinguismo resiliente.

PALAVRAS-CHAVE: Português Terena. Interferência Fonológica. Sociolinguística. Bilinguismo.

ABSTRACT: This article discusses the Brazilian sociolinguistic landscape marked by contact between Indigenous languages and Portuguese, focusing on the Terena community of the Bananal Reservation in Mato Grosso do Sul. The central objective is to analyze the phonological interference of the Terena language in the Portuguese spoken by members of this community, understanding it as a consolidated contact variety. The theoretical framework is grounded in Labov's (2008) Variationist Sociolinguistics and in the theories of diglossia and bilingualism advanced by Ferguson (1959) and Fishman (1980), as well as in the concept of "Indigenous Portuguese" proposed by Oliveira (2007a). Methodologically, the research adopted a qualitative and ethnographic approach, employing semi-structured interviews with speakers from three distinct age groups and participant observation for data collection. The results reveal the systematic occurrence of metaplasms, categorized as subtraction (apocope and syncope), addition, transposition, and transformation. It was observed that the syllable structure of the Terena language (L1), characterized by a predominance of open syllables, acts as a phonological filter over Portuguese (L2), motivating the simplification of consonant clusters and the deletion of final phonemes. Phenomena such as pre-nasalization and the transposition of stress confirm that Terena Portuguese is a legitimate

* Data de Submissão: 20.07.2026 – Data de Aceite: 06.09.2026 | DOI: 10.22478/ufpb.1983-9979.2026v21n1.79077
[1] Professor do Instituto de Linguagem - Universidade Federal de Mato Grosso/Núcleo de Documentação e Pesquisa Linguística (NUDPLI) – E-mail: rogerio.ferreira@ufmt.br Orcid: https://orcid.org/0000-0002-4308-6735
[2] Professora do Instituto de Linguagem - Universidade Federal de Mato Grosso – E-mail: Caroline.p.oliveira@ufmt.br Orcid: https://orcid.org/0000-0002-8678-9895

and structured linguistic variety, one that reflects the identity and cultural resistance of the community within a context of resilient bilingualism.

KEYWORDS: Terena Portuguese. Phonological Interference. Sociolinguistics. Bilingualism.

KALIHÚ KOETI EXETINATI: Enepora yutóiti, hara koyuho koeku kixóvoku ne emó'u ne ko'ovokutihiko, kuteâti koeku ne emo'u kopenotihiko xaneâtimaka koeku ne emo'u purutuye, hara koati koyuho koeku terenoehiko, ya Pânanake íhae Mato Grosso do Sul. Hara koati komomo koeku ne kixóvoku emó'u ne terenoehiko, yoko'omaka ne ehéukotihiko viyenoxaapa, akotine topi kixovóku ne koyuhoyeokono ne vemo'u. Hara itukovo ama'akavoku ra isoneuti xoko yutoe Labov, yoko'omaka kixokonoku koyuhoyeokono ne akotine topi kixóvoku ne emo'utihiko, yokomaka pi'a kixoaku ne ko'emouyea Ferguson yoko Fishman, kuteâtimaka koeku apeyea koyuhoti yoko eheukoti, éxetina Oliveira (2007). Hara kixokono itukeokono oposiheyeokono ra yutóiti qualitativa e etnográfico, koane epemo'ikomakahiko xâne koyuhotikoikohiko, ya mopo'âti itovoku xoenaenahiko motovâti veyeokono ne emo'utihiko. Koati u'urapu'i koeti simókune, komoma uti koeku ne emo'utihiko akotine topi kixókonoku koyuhoyeokono ne emo'uti, anekone ne akoti kayusea koyuhoyea uti, énomone kuteâti koeku ra vemo'ú uti kopeno, akone topi kixoakuhiko koyuhoyea. aneko ne kuri'uxoati, anekomaka ne tetukoati ne emo'uti, pone silabana terenoe aneko kixókonoku koyuhoyeahiko ne viyenoxapa, kuti koetine emo'u purutuyeke vekone ne emo'utihiko (L1), exokoatimaka koeku silaba akoti nokone yuhoikokono kuteâti ya purutuyeke, (L2), apetimaka ne pi'ati consoante ya terenoeke. Enomaka ne kuteâti ne kali exexó koeti emo'u ya terenoeke ihaxone purutuye ke, koyuhoâti koeku ne emo'uti vemo'uke, kali exexó koeti ne emo'uti yuhoikokono ya terenoeke, akotine topi kixokonoku yuhoikeokono ne emo'uti ya terenoeke, énomone ne emo'u terenoe akotine topi kixokonoku yuhoikeokono, porexo'oviti koxunakea vitukeovo, akoti ikarakapu isoneu xúnati, akoti itoâti ya xoko vitukeovo, pone exoati koyuhoyea ya pi'a koetike ne emo'u ya koekuti ovoku vemo'uke.[3]

EMO'UTI KOYUHOATI: Purutuyeke yoko ya Terenoeke. Esa'ikoti ko'emo'uyea. Koyuhoâti koeku ne emo'utihiko, emo'uti ya xapakuke viyenoxapa. yoko Pi'a koeti ne emo'utihiko.

1 Introdução

O contato linguístico entre línguas nativas brasileiras e o português tem gerado uma série de fenômenos linguísticos, especialmente em contextos de bilinguismo, como o vivido pelos povos indígenas.

O Brasil é, historicamente, um país marcado pela hegemonia do português. Segundo dados do Censo Demográfico de 2022, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mais de 214 milhões de brasileiros têm o português como língua materna, o que confirma sua predominância no país. No entanto, essa realidade não deve ocultar a riqueza linguística e cultural que caracteriza o Brasil como um país profundamente multilíngue.

A diversidade indígena brasileira, por exemplo, tem se revelado cada vez mais complexa e diversificada. O Censo 2022 identificou a existência de 391 etnias indígenas no território nacional, falando 295 línguas indígenas, um aumento significativo em relação às estimativas de 180 línguas registradas na década de 1990, conforme apontado por Rodrigues (1993), atualmente segundo Storto (2019, p. 11), "calcula-se que sejam faladas no Brasil hoje 154 línguas distintas se utilizarmos o critério de inteligibilidade mútua.". Isso demonstra uma redução considerável no patrimônio nacional linguístico no que tange às línguas indígenas. Isso leva a se pensar em uma expansão da base de dados linguísticos que possa refletir, em parte, o esforço de identificação e documentação mais rigoroso das comunidades indígenas, bem como

[3] Tradução de Gil Paulo Barbosa (Pós-graduando da Universidade Estadual de Mato Grosso) e Aronaldo Julio (Pós-graduando da Universidade Federal do Rio de Janeiro)

a importância do fortalecimento da autoidentificação e da retomada de práticas culturais e linguísticas tradicionais.

O cenário sociolinguístico brasileiro pode ser compreendido como um *continuum* linguístico, que vai desde os monolíngues em português até os monolíngues em línguas nativas, passando por uma ampla gama de bilíngues. Nesse contexto, o conceito de "línguas de retomada" tem ganhado destaque, especialmente entre comunidades indígenas que buscam revitalizar línguas em risco de extinção. Essa retomada é impulsionada por políticas públicas, projetos educacionais bilíngues e movimentos sociais que valorizam a identidade linguística e cultural.

Apesar do avanço desses esforços, o português continua a exercer uma forte pressão como língua de prestígio e de viabilidade econômica. A sua hegemonia é reforçada por fatores como a educação formal, a mídia e o mercado de trabalho. No entanto, a Constituição Federal de 1988 já reconhecia a importância de se promover a educação bilíngue nas comunidades indígenas, e recentemente, com a declaração da Década Internacional das Línguas Indígenas (2022-2032), promovida pela UNESCO, houve um novo impulso para a valorização e a proteção dessas línguas. Assim, o Brasil se encontra em um momento de transição: por um lado, a pressão do português como língua dominante persiste; por outro, há um crescente reconhecimento da diversidade linguística e uma resistência cultural que busca preservar e revitalizar as línguas indígenas. Esse equilíbrio dinâmico entre domínio e diversidade é o que define o panorama sociolinguístico brasileiro contemporâneo. Diante desse cenário, torna-se necessário atentar para a forma como essa pressão exerceu e ainda exerce sobre a língua Terena. É justamente essa realidade que motiva o presente estudo, dedicado a refletir sobre o impacto do contato linguístico nessa comunidade, historicamente submetida à hegemonia do português e, ao mesmo tempo, engajada em processos de resistência e revitalização de sua língua.

A língua terena pertence à família linguística Arawak (também conhecida como Aruak), é falada por comunidades no Mato Grosso do Sul que vivem em um território fragmentado, distribuído por cerca de 30 aldeias em municípios como Miranda, Aquidauana, Anastácio, Dois Irmãos do Buriti, Sidrolândia, Nioaque e Rochedo. Também encontramos esse povo na região do interior de São Paulo, próximo de Bauru, aldeia Ariba e no Mato Grosso, próximo a Alta Floresta. Os terenas são uma etnia de aproximadamente 27 mil indivíduos, sendo que destes, somente na região de Miranda e Aquidauana que se concentram os falantes da língua terena como língua materna, nas demais regiões, apenas os mais idosos ainda dominam a língua terena. Esse povo tem sofrido influências sistemáticas do português, resultando em variações linguísticas que refletem um processo histórico de contato e pressão social.

Com uma estrutura morfossintática distinta do português, a língua terena, ela tem sido impactada por fatores sociolinguísticos, como a educação bilíngue, a migração urbana e a política linguística oficial. Nesse contexto, o português, como língua de prestígio, exerce uma forte influência sobre a língua indígena, especialmente no que diz respeito à variação fonológica. Essa influência manifesta-se em fenômenos como metaplasmos, que são alterações fonológicas decorrentes do contato linguístico.

A presente análise busca compreender como o português étnico (terena) possui marcas da língua terena, isso pode ser atestado por meio das ocorrências fonológicas se manifestam na fala dos falantes que possuem a língua portuguesa como língua materna. Tal verificação se deu apenas com falantes residentes da Reserva de Bananal, próximo à cidade de Sidrolândia, Mato Grosso do Sul.

2 Referencial teórico

A teoria da diglossia, proposta por Ferguson (1959) e ampliada por Fishman (1980), oferece uma importante ferramenta para compreender a coexistência de línguas em contextos de contato. Segundo Ferguson, em situações diglóssicas, duas línguas ou variedades coexistem com funções distintas: uma língua de prestígio (H) e outra de baixo prestígio (L). No caso dos terena, o português atua como língua H, sendo usada em contextos formais, educacionais e administrativos, enquanto a língua terena, apesar de sua importância cultural, tende a ser relegada a contextos informais e familiares. Fishman (1980) complementa essa visão ao destacar que a diglossia pode ocorrer com ou sem bilinguismo, e vice-versa, o que é particularmente relevante para a análise do bilinguismo assimétrico vivido por muitos terena.

A base para compreender o português falado pelas comunidades terena reside na premissa de que a variação não é aleatória, mas sim um sistema organizado. Como afirma Labov (2008):

> O modelo de uma língua como um sistema perfeitamente homogêneo [...] é uma idealização que não corresponde à realidade da fala. [...] A língua é um sistema de heterogeneidade estruturada, no qual a variação é inerente e motivada por fatores tanto linguísticos quanto sociais (Labov, 2008, p. 245).

No contexto brasileiro, Lucchesi (2015), em suas pesquisas, reforça que essa heterogeneidade é particularmente visível em situações de contato linguístico. Com isso, a pressão da norma culta e a influência da língua materna indígena criam padrões. Dessa forma, a heterogeneidade estruturada implica que a variação linguística é governada por regras que podem ser analisadas estatisticamente, revelando como variáveis sociais (como etnia e escolaridade) e variáveis estruturais (como o contexto fonológico) condicionam a escolha de uma variante em detrimento de outra.

No caso do português terena, essa variação manifesta-se em fenômenos fonológicos, morfológicos e sintáticos, resultantes do contato entre as duas línguas. Essas variações não são aleatórias, mas sim parte de um processo de adaptação linguística que reflete a realidade sociolinguística dos falantes.

3 Variação linguística na língua terena

O Português Indígena, sob a ótica de Oliveira (2007a) e Lucchesi e Picanço (2021), é definido como uma língua de contato que emerge em cenários de bilinguismo assimétrico, onde o português atua como língua hegemônica. Para o autor, essa variedade não deve ser analisada sob o prisma do erro ou do desvio em relação à norma culta, mas sim como um sistema linguístico autônomo que resulta da transferência de traços das línguas nativas para o português. No caso das comunidades Terena, isso significa que as estruturas fonológicas e sintáticas da língua Arawak original moldam a produção do português, gerando o que Oliveira (2007b) chama de português de contato. Essa abordagem é fundamental para compreender que as variações observadas, como a simplificação de encontros consonantais ou a alteração de padrões acentuais, são evidências de uma reorganização gramatical motivada pela identidade étnica. Assim, o português indígena funciona como um veículo de expressão de uma subjetividade coletiva que resiste à assimilação total, preservando no discurso marcas da ancestralidade. A discussão proposta por Oliveira (2007a) e Lucchesi e Picanço (2021) reforçam a necessidade de se observar o bilinguismo indígena não como um estágio de transição para o monolinguismo em português, mas como uma condição de multilinguismo resiliente,

visto que o português indígena ocupa um espaço funcional próprio na vida social e política da aldeia.

Lucchesi e Picanço Simas colocam que

> o estudo do chamado português indígena é outrossim importante, não apenas pela relevância de se conhecer a diversidade étnica da língua portuguesa no Brasil, mas também pela observação direta dos efeitos do contato entre línguas e do bilinguismo sobre a estrutura linguística do português. Os resultados de tais análises podem lançar luzes, tanto sobre a forma como as situações de contato massivo afetam a estrutura das línguas em geral, quanto sobre a história sociolinguística do Brasil, na qual o português se foi impondo crescentemente sobre comunidades indígenas, levando à substituição e ao desaparecimento da imensa maioria de suas línguas. (Lucchesi e Picanço Simas, 2021, p. 40)

Assim o português indígena é uma variedade linguística de contato que reorganiza o português a partir das estruturas das línguas nativas, servindo como marca de identidade e resistência cultural. Schneider e Fauro (2025) colocam que o português falado pelos indígenas é um fenômeno que pode ser realizado ou manifestado tanto em situações nas quais o português já é língua hegemônica de um grupo como em contextos nos quais é uma segunda língua, empregada em situações específicas, com diferentes graus de proficiência. Por fim, Oliveira (2007a) destaca que o português como segunda língua variedade apresenta características específicas, como influências fonológicas, morfológicas e sintáticas da língua nativa. No caso do português Terena, essas influências são visíveis em fenômenos como metaplasmos, que serão discutidos na seção de resultados.

A língua Terena, como qualquer língua natural, apresenta variação linguística, que pode ser influenciada por fatores sociais, geográficos e históricos. Teixeira (2021) analisou a variação linguística na língua Terena e identificou diferenças fonológicas, morfológicas e sintáticas entre falantes de diferentes gerações e contextos sociais. Essa variação é um reflexo do contato com o português e de mudanças internas na própria língua Terena.

4 Metodologia

A presente pesquisa foi desenvolvida com base em uma abordagem qualitativa e etnográfica, fundamentada na perspectiva de que a compreensão dos fenômenos linguísticos só pode ser alcançada por meio do contato direto e prolongado do pesquisador com o contexto em que eles ocorrem. Segundo Lüdke e André (2013, p. 11), a pesquisa qualitativa "pressupõe uma imersão do pesquisador no campo, com o objetivo de compreender o fenômeno estudado em sua totalidade, em suas relações e em seu contexto natural". Nesse sentido, a metodologia adotada buscou capturar a realidade linguística vivida pelos falantes Terena, considerando as dimensões socioculturais, históricas e comunicativas que influenciam a produção do português em contato com a língua indígena.

O campo de estudo foi a Reserva de Bananal, localizada no Mato Grosso do Sul, onde foram realizadas entrevistas semiestruturadas com falantes da língua Terena. Foram coletadas entrevistas com colaboradores de três faixas etárias: até 18 anos, de 18 a 30 anos e mais de 60 anos, a fim de se perceber, além da interferência linguística, o grau de assimilação do português, dependendo da idade do indivíduo. Além das perguntas do questionário elaborado para estimular a fala espontânea, foram gravadas conversas informais e histórias que os colaboradores desejavam relatar. Buscou-se enfatizar na identificação de padrões de interferência fonológica.

O processo de coleta envolveu a aplicação de um roteiro pré-elaborado, composto por questões abertas que permitissem a expressão espontânea dos participantes, bem como a observação participante, técnica que se mostrou fundamental para a compreensão do contexto comunicativo e para a identificação de variações linguísticas que não seriam captadas apenas por meio de perguntas diretas. A observação participante, segundo a tradição etnográfica, permitiu ao pesquisador vivenciar, de forma imersiva, as práticas de fala e interação social na comunidade, favorecendo a coleta de dados mais ricos e contextualizados.

Após a coleta, o material foi transcrito e submetido a uma análise fonológica detalhada, com o objetivo de identificar os fenômenos de metaplasmo, categorizados como subtração, adição, transposição e transformação. Esses processos são comuns em situações de contato linguístico e refletem a reorganização fonética e fonológica do português sob a influência da língua Terena. A análise foi realizada com base em critérios fonológicos e fonéticos, considerando as características estruturais da língua indígena e as adaptações que ocorrem no português falado pelos Terena. Nesse contexto, Coutinho (1976, p. 158) destaca que "as mudanças fonéticas [históricas] são explicadas como adaptações que as línguas em contato sofrem para se ajustarem a novas condições de uso e de percepção", o que se aplica diretamente ao caso analisado, onde o português sofre influências fonológicas da língua Terena.

A análise foi complementada por uma revisão bibliográfica que integrou conceitos teóricos sobre bilinguismo, diglossia e variação linguística, fundamentais para a interpretação dos dados coletados. A discussão sobre a diglossia, proposta por Ferguson (1959), foi especialmente relevante para compreender a coexistência funcional entre o português e a língua Terena, bem como os falantes alternam entre elas de acordo com o contexto de comunicação. Além disso, a perspectiva de variação linguística, especialmente a abordagem de Labov (2008), foi utilizada para analisar a heterogeneidade estruturada do português Terena, considerando fatores sociais, históricos e linguísticos que influenciam a produção e a acepção dos fenômenos de metaplasmo.

Assim, a metodologia adotada buscou integrar técnicas de coleta e análise qualitativa com uma fundamentação teórica sólida, garantindo a riqueza e a profundidade necessárias para compreender o fenômeno do português Terena em seu contexto sociolinguístico.

5 Bilinguismo e diglossia na comunidade terena

A coexistência do português e do Terena na comunidade de Bananal reflete um cenário de bilinguismo dinâmico, onde a alternância entre as línguas é moldada por complexas redes de interação social e identidade. Superando a visão clássica de diglossia, que previa uma divisão funcional rígida, Cavalcanti (1999, p. 387) argumenta que, em contextos de minorias linguísticas no Brasil, a relação entre as línguas é marcada por uma "complexidade sociolinguística". Para a autora, essa relação vai além da simples escolha de registro, sendo atravessada por tensões de poder e pela resistência de línguas minorizadas que lutam para manter seu espaço diante da hegemonia da língua nacional (Cavalcanti, 1999, p. 390). Assim, o português em Bananal não é apenas uma língua de prestígio, mas uma ferramenta de trânsito social, enquanto o Terena permanece como o pilar da identidade étnica e da coesão comunitária.

O português falado pelos Terena, longe de ser uma versão simplificada da norma padrão, constitui uma variedade linguística legítima. Oliveira (2007b, p. 54) caracteriza essa manifestação como "Português Indígena", destacando que suas particularidades fonológicas e morfológicas resultam de um processo de transferência e reinterpretação da estrutura da língua indígena sobre a língua portuguesa. Essa variedade reflete a vitalidade do contato linguístico e

a capacidade de apropriação da língua do "outro" para expressar a realidade e a cosmologia indígena (Oliveira, 2007, p. 58).

Estudos mais recentes indicam que o bilinguismo na comunidade não é estático e sofre pressões distintas conforme o ambiente. Xavier (2020, p. 45) observa que, mesmo em comunidades Terena situadas em contextos urbanos ou periurbanos, o processo diglóssico é renegociado constantemente; o Terena tem conquistado novos espaços de uso que antes eram exclusivos do português, como em redes sociais e no ambiente escolar formalizado.

Complementarmente, Teixeira (2021, p. 112) ressalta que a própria língua Terena apresenta uma variação interna significativa. Essa variação é influenciada tanto pelo contato prolongado com o português quanto por fatores geracionais, indicando que a língua ancestral não é um sistema cristalizado, mas uma entidade em constante movimento que se adapta aos novos desafios da contemporaneidade. Essa fluidez demonstra que, apesar da pressão da língua majoritária, a comunidade de Bananal mantém um bilinguismo resiliente, onde as línguas se sobrepõem e se ressignificam mutuamente.

6 Resultados e discussões

A análise das entrevistas revelou a presença de quatro tipos de metaplasmos no português falado pelos falantes Terena: subtração, adição, transposição e transformação. Esses fenômenos são resultado do contato linguístico entre o português e o Terena, e refletem a influência da estrutura fonológica da língua nativa sobre o português.

a. Apócope

Ocorre a supressão de um ou mais fonemas no final das palavras. É o processo mais frequente nos dados, especialmente na redução de vogais finais e na marcação de infinitivos.

1. casamen (casamento)
2. mai (maio)
3. mui (muito)
4. bananá (bananal)
5. miní (menino)
6. mandió (mandioca)
7. gos di come (gosto de comer)
8. quan (quando)
9. contralá (controlar)
10. gras a Deus (graça de Deus)
11. misturá (misturado)
12. tritenovi (39)

b. Síncope

Ocorre a supressão de fonemas no meio das palavras. Note que, em muitos casos, a síncope altera a estrutura silábica (como a redução de ditongos ou encontros consonantais).

13. mia (minha) - Síncope da nasal [ɲ].
14. fáa (fala) - Síncope da lateral [l].
15. platava (plantava) - Síncope da nasal [n].
16. fejom (feijão) - Síncope da semivogal [i].
17. tercera (terceira) - Síncope da semivogal [i].
18. nuca (nunca) - Síncope da nasal [n].

19. poquiu (pouquinho) - Síncope da nasal [ɲ].
20. mermã (minha irmã) - Síncope silábica e aglutinação.
21. dexáno o cutura (deixando a cultura) - Síncope da lateral [l] em "cultura" e da nasal em "deixando".

c. Crase

Ocorre a fusão de duas vogais idênticas em uma só. No contexto do português indígena, isso é comum após a queda de uma consoante intervocálica (como o "l" em "fala").

22. fáa (fala) - As vogais resultantes da síncope do [l] tendem a se fundir na fala rápida.
23. nasceaquin (nasceu aqui) - Fusão das vogais na fronteira de vocábulos.
24. Oitentetrê (83) - Fusão das vogais [e] em "oitenta e três".

d. Aférese

Ocorre a supressão de fonemas no início da palavra.

25. Arri (varre) - Supressão do fonema labiodental inicial [v].

6.1 Análise dos metaplasmos e da interferência fonológica no português terena

Os metaplasmos observados na fala da comunidade Terena de Bananal evidenciam que o português local constitui uma variedade de contato consolidada. Segundo Couto (2007, p. 124), o contato linguístico promove uma "interpenetração de sistemas, onde a língua materna (L1) atua como um filtro fonológico para a língua alvo (L2)", resultando em reinterpretações que buscam simplificar a estrutura silábica ou adaptar fonemas inexistentes na língua de prestígio.

No contexto Terena, a predominância de sílabas abertas (consoante-vogal) exerce uma pressão estrutural que motiva processos frequentes de supressão. Nota-se que a apócope e a síncope muitas vezes ultrapassam o nível do fonema, atingindo a sílaba completa, como nos casos de *miní* (menino) e *mandió* (mandioca). O exemplo de *bananá* para se referir à aldeia Bananal é emblemático: ocorre uma apócope motivada pela interferência direta do termo correspondente em Terena (*Bananá*), demonstrando como a toponímia local é renegociada pelo bilinguismo.

A análise fonética revela ainda a dificuldade de articulação de fonemas palatais e nasais complexos. A supressão do fone nasal palatal [ɲ], observada em *poquiu* (pouquinho), *mia* (minha) e *mermã* (minha irmã), ocorre devido à inexistência desse traço articulatório na língua Terena. Quando o falante não suprime o fone, ele tende a adaptar a estrutura morfofonológica. Um caso notável é a produção de *mbóla* para "bola"; como o fonema [b] não existe isoladamente no Terena, ele é interpretado através do processo de pré-nasalização (onde [p] torna-se [^{m}b] para marcar a primeira pessoa), evidenciando uma "indigenização" da fonologia portuguesa.

Na ocorrência de *nasceaqui*, observa-se a supressão do fone [u] seguida de uma crase entre a vogal coda e a vogal em onset de palavras diferentes, fenômeno comum em processos de sândi vocálico. Já no campo da prosódia, a transposição do acento tônico, metaplasmo por transposição do tipo diástole, em *trabalhavá* (trabalhava) reflete a entonação característica do Terena, que privilegia a elevação tonal no final de enunciados e palavras.

Por fim, os metaplasmos por transformação, como a vocalização em *jueiu* (joelho) e a desnasalização em *fejom* (feijão), reforçam a tendência de aproximação com falares rurais e a simplificação de ditongos. A substituição do fone [g] ou do labializado [gw] por [w], como em

wavira (guavira), confirma a restrição fonotática da língua Terena, que não possui esses fones em seu inventário, forçando o bilinguismo a criar soluções fonéticas resilientes.

7 Considerações finais

A investigação das interferências fonológicas na Reserva de Bananal demonstra que o Português Terena não deve ser interpretado como um sistema de "erros" ou desvios da norma padrão, mas como uma variedade de contato legítima e estruturada. Os metaplasmos identificados, com destaque para a apócope e a síncope, revelam um processo de reinterpretação fonotática, no qual a estrutura silábica da língua Terena (L1) atua como um filtro sobre o português (L2), favorecendo a simplificação de encontros consonantais e a manutenção de sílabas abertas.

A análise sociolinguística evidencia que a diglossia na comunidade é fluida e complexa. Embora o português ocupe espaços formais, a emergência do "Português Indígena" (Oliveira, 2007; Lucchesi e Picanço, 2021) sinaliza uma apropriação cultural da língua nacional, que passa a carregar traços da identidade e da cosmologia Terena. Fenômenos como a pré-nasalização em *mbóla* e a diástole em *trabalhavá* confirmam que a resistência linguística não se manifesta apenas na manutenção da língua materna, mas também na marcação étnica presente na fala em português.

Em suma, o bilinguismo em Bananal é resiliente e dinâmico. A variação observada reflete a vitalidade de uma comunidade que, ao transitar entre dois sistemas linguísticos, ressignifica ambos. Este estudo reforça a necessidade de políticas educacionais e linguísticas que reconheçam essas variedades de contato, validando a competência comunicativa dos falantes bilíngues e promovendo o respeito à diversidade que caracteriza o cenário multilíngue brasileiro no contexto da Década Internacional das Línguas Indígenas.

Referências

CAVALCANTI, M. C. Estudos sobre educação bilíngüe e escolarização em contextos de minorias lingüísticas no Brasil. **Revista DELTA**, 15, Número Especial, 385-418, 1999.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de gramática histórica**. 7. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1976.

COUTO, Hildo Honório do. **Linguística de Contato: a teoria.** Brasília: UnB, 2007.

FERGUSON, Charles A. Diglossia. **Word**, v. 15, n. 2, p. 325-340, 1959.

FISHMAN, Joshua A. Bilingualism with and without diglossia; diglossia with and without bilingualis*m*. **Journal of Multilingual and Multicultural Development**, v. 1, n. 1, p. 13-34, 1980.

IBGE. **Censo Demográfico 2022: Resultados sobre línguas indígenas**. Rio de Janeiro: IBGE, 2025.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LUCCHESI, Dante; PICANÇO, Hellen C. Análise sociolinguística da variação na concordância nominal de gênero no português indígena sateré-mawé da Amazônia. **Confluência**, Rio de Janeiro, n. 60, 2021. Disponível em: <https://www.revistaconfluencia.org.br/rc/article/view/452>. Acesso em: 11 jun. 2026.

LUCCHESI, Dante**. Língua e sociedade partidas**: a polarização sociolinguística do Brasil. São Paulo: Contexto, 2015.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 2. ed. Rio de Janeiro: E.P.U., 2013.

OLIVEIRA, Gilvan Müller de. Oficialização de Línguas Indígenas em Nível Municipal no Brasil - Algumas Considerações Político-Linguísticas e Jurídicas Preliminares. In: Alfredo Wagner Berno de Almeida. (Org.). **Terra das Línguas**. 1ed.: , 2007a, v. 3, p. 37-49.

OLIVEIRA, Gilvan Müller de. O português como língua de contato. **Cadernos de Letras da UFF**, n. 34, p. 11-24, 2007b.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. **Línguas indígenas do Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.

SCHNEIDER, V. J; FAURO, N. U. O português indígena na Sociolinguística brasileira: uma revisão de literatura. **Traços de Linguagem**, v. 9, n. 1, 98-112, 2025.

STORTO, Luciana. **Línguas Indígenas** – Tradição, Universais e Diversidade. São Paulo: FAPESP/Mercado de Letras, 2019.

TEIXEIRA, Lovania Roehrig. Considerações sobre variação linguística na língua Terena. **Raído**, Dourados, MS, v. 15, n. 40, p. 118-135, set./dez. 2021.

UNESCO. **Década Internacional das Línguas Indígenas (2022–2032)**. Disponível em: https://www.unesco.org. Acesso em: 06 jun. 2026.

XAVIER, Guadalupe Vilhalba Cabral. **A situação bilíngue nas comunidades indígenas Terena de Campo Grande/MS**. 2020. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campo Grande, 2020